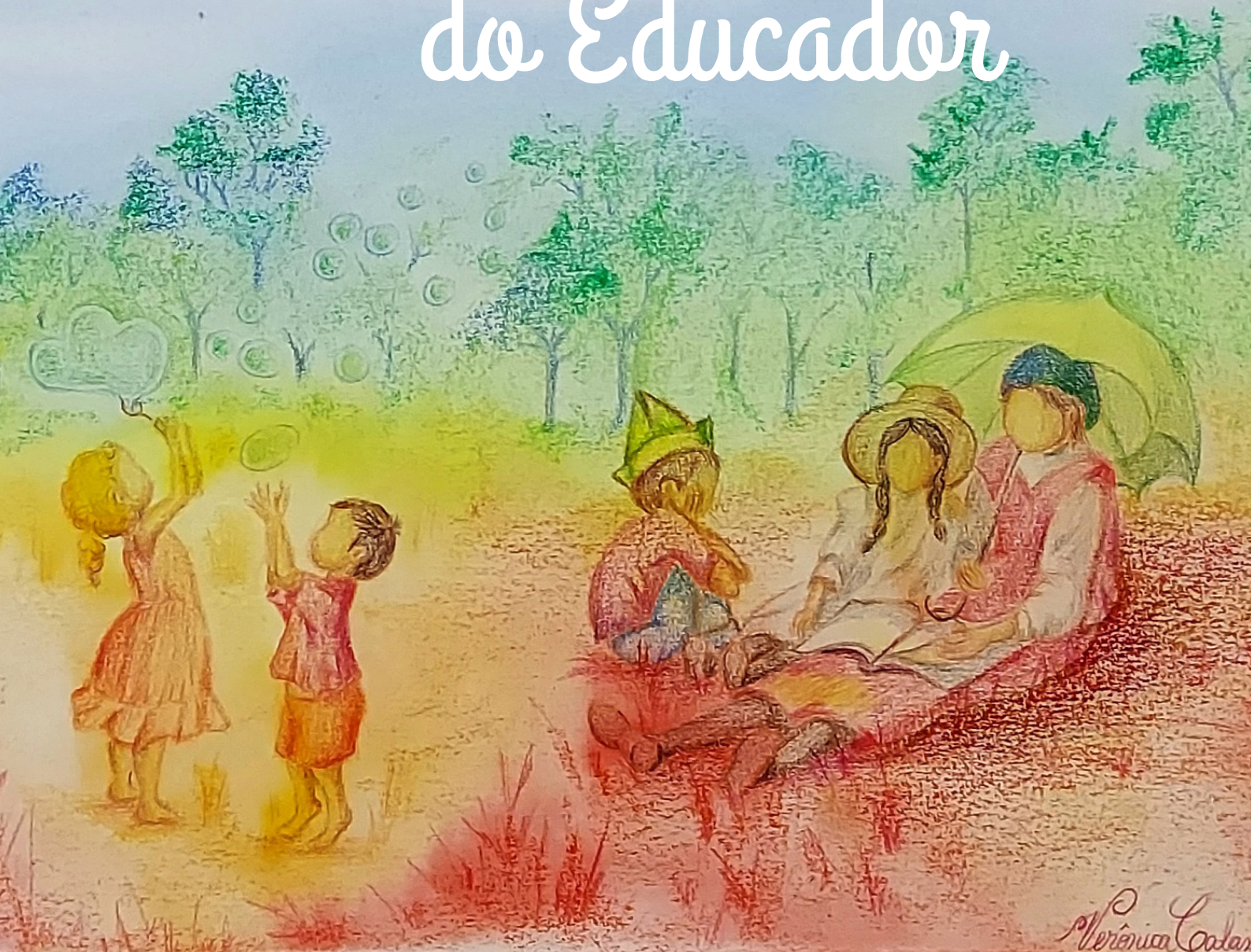


# A Voz do Educador



Verônica Colares

A Voz do Educador é um projeto do Instituto Olinto Marques de Paulo que gera transformação social por meio da educação através da formação continuada de educadores da primeiríssima infância com o intuito do cultivo consciente da voz, da fala (palavra) e dos gestos no ambiente educativo.

Esta publicação foi elaborada a partir da coleta de conteúdos oferecidos durante as aulas do Projeto A Voz do Educador no Encontro com a Criança, bem como textos complementares.

Partimos a princípio de que toda atuação educadora se apoia na relação com as crianças e esta relação se manifesta primordialmente pelos nossos gestos e pela nossa voz. Os educadores têm no trabalho e nos cuidados com a voz uma ferramenta das mais preciosas e potentes.

A voz tem a capacidade de expressar a individualidade do ser e as crianças - plenamente entregues ao processo de imitação em seu constante aprender - absorvem a voz, os gestos e as intenções do adulto diante dela. Após a conquista da verticalidade e do andar a criança está apta a se apropriar da linguagem como uma via de duas mãos em suas interações com os outros e com o mundo.

Tanto a formação para educadores como este material de estudo visam oferecer uma ampliação do conhecimento sobre a voz humana, o desenvolvimento da linguagem em seus aspectos fisiológicos e afetivos, como também sobre a voz enquanto recurso educativo e criador.

Instituto Olinto Marques de Paulo

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que citadas a fonte e autoria.

Sugestão de citação:

**Instituto Olinto Marques de Paulo (2021) A Voz do Educador**

**<http://www.instituto-omp.org.br>**









I.

*A fisiologia maravilhosa  
da voz humana*



A voz humana já existe desde o nascimento e se manifesta através do choro, riso e grito. Assim, desde o início da vida, a voz torna-se um dos meios de interação mais poderosos do indivíduo e se constitui no modo básico de comunicação entre as pessoas.

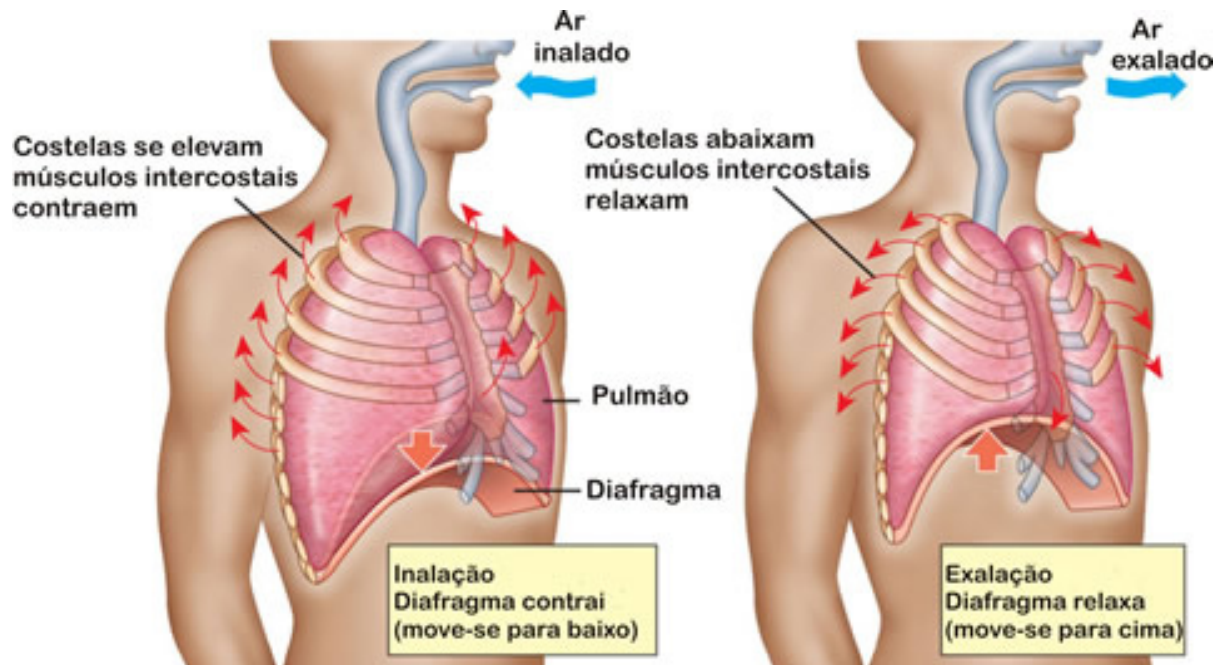
Comunicamo-nos de múltiplas formas: pelo olhar, pelos gestos, pela expressão corporal, expressão facial e pela fala. A voz, porém, é responsável por uma porcentagem muito grande das informações contidas em uma mensagem que estamos veiculando e revela muita coisa sobre nós mesmos. A voz fala mais do que as palavras, como veremos mais adiante.



A capacidade que possuímos de respirar ritmicamente está na base da nossa habilidade de emitir sons com nossa voz. A respiração divide-se em inspiração e expiração, processos compostos por uma verdadeira orquestração de diversos movimentos constantes, rítmicos, oscilando entre polaridades:

- Movimentos rítmicos do diafragma e dos pulmões
- Elevação e abaixamento das costelas;
- Aumento e diminuição do tamanho da cavidade torácica e dos espaços intercostais;
- Deslocamento anterossuperior do osso esterno.





A nossa voz é produzida pelo trato vocal, a partir de um som básico gerado na laringe, o chamado "buzz" laríngeo. A laringe localiza-se no pescoço e é um tubo alongado, no interior do qual ficam as pregas vocais. As pregas vocais são conhecidas popularmente como cordas vocais, mas esse nome é incorreto, pois seu formato não se assemelha ao de cordas, por exemplo, de um instrumento musical como o violão. As pregas vocais são duas dobras, formadas por músculo e mucosa, em posição horizontal dentro de laringe, ou seja, paralelas ao solo, como se estivessem deitadas.

## Esculpimos o ar para gerar palavras

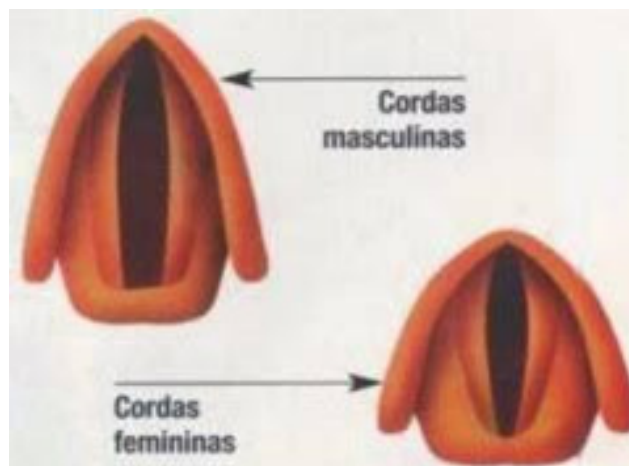
Quando respiramos silenciosamente, as pregas vocais ficam abertas, ou seja, afastadas entre si, para permitir a entrada e saída livres do ar. Assim sendo, no gesto da respiração a interferência das pregas vocais deve ser mínima para garantir a entrada de oxigênio e a saída de gás carbônico de nossos pulmões.

Já quando produzimos a voz, as pregas vocais devem se aproximar e vibrar. Esse processo vibratório ocorre tão mais rapidamente quanto mais agudo for o som. Pesquisas demonstram que para os homens adultos brasileiros, a frequência média da voz, chamada de frequência fundamental, está ao redor de 113 Hz, enquanto para as mulheres essa frequência situa-se ao redor de 208 Hz. Isto significa que ao produzirmos a voz, por exemplo, quando falamos um “a” sustentado, o homem vibra suas pregas vocais em média 113 vezes por segundo, e a mulher, 208 vezes por segundo. Você pode sentir essa vibração: inicialmente, coloque sua mão sobre o pescoço e apenas respire para verificar que não ocorre ativação das pregas vocais; a seguir, emita um “a” prolongado e sinta, através da vibração, a fonação ocorrendo.





Podemos sentir que sem ar passando entre as pregas vocais não há fonação. Você pode comprovar esse fato expulsando o ar dos pulmões, fechando firmemente e simultaneamente a boca e as narinas com os dedos e verificando que não se consegue produzir som laríngeo. As pregas vocais não vibram nessas condições!



O ar é essencial para produzirmos a voz, sendo o combustível energético da fonação. Convém lembrar que, quando estamos respirando em silêncio, o ar deve entrar pelo nariz para que possa ser filtrado. Já no "z", empregamos a fonte friccional do estreitamento da região anterior da boca e ativamos conjuntamente a fonte glótica.

A diferença entre um som surdo e sonoro pode ser facilmente percebida quando produzimos um "s" longo e passamos para "z", desse modo: "sssszzzzz....", sem intervalo entre os dois sons. Produza essa sequência de "sssszzzzz....." com sua mão sobre o pescoço e perceba quando a fonte glótica é ativada. As consoantes surdas do português são os seguintes sons: pê, tê, quê, fê, sê e xê. Já as consoantes sonoras do português são em maior número, representada pelos seguintes sons, bê, dê, guê, vê, zê, jê, mê, nê, nhê, lê, lhê, rê e rrê. Todas as vogais são sonoras, pois usam a fonte glótica. Como se pode perceber, a movimentação das

estruturas que estão acima da laringe é muito importante na produção das consoantes. Tais estruturas são as articuladoras dos sons da fala, fazem parte do trato vocal e estão nas cavidades de ressonância.

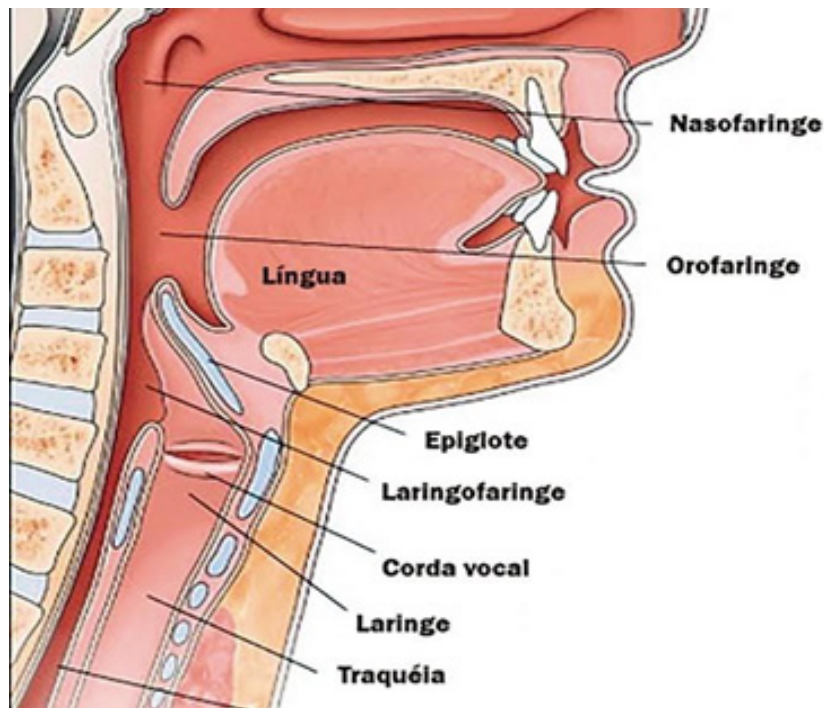
Os sons são articulados principalmente na cavidade da boca, pelo movimento da língua, dos lábios, da mandíbula e do véu palatino, que permite a entrada de ar no nariz para a produção de sons nasais. Esses movimentos devem ser precisos para produzir sons claros e tornar inteligível a mensagem que se quer transmitir.

Além do seu papel essencial no processo criador da voz, a laringe tem a importante tarefa de conduzir o ar e proteger os pulmões da entrada de substâncias indesejadas. Quando engolimos de mau jeito ou quando aspiramos uma substância nociva pela boca ou pelo nariz, as pregas vocais aproximam-se fortemente e selam a entrada da laringe, como um escudo protetor. A função de selamento da laringe é de extrema importância para nossa sobrevivência. No caso da inalação de substâncias indesejadas, após o selamento, as pregas vocais ainda produzem a tosse para expulsar o invasor. A tosse, por sinal, representa uma verdadeira trombada entre as pregas vocais, que pela força, produzem um som muito forte, com grande velocidade do ar que sai dos pulmões. Nos espirros fortes essa velocidade chega a atingir 70 a 80 quilômetros por hora!

A função de selamento da laringe é realizada não somente por meio da aproximação das pregas vocais, mas também de outras estruturas auxiliares que estão acima destas, as chamadas pregas vestibulares, popularmente conhecidas como falsas cordas vocais. O selamento também é acionado em outras situações. Por exemplo, quando queremos levantar algum peso, empurrar um objeto ou ainda deslocar nosso corpo

por meio do apoio dos braços, como ao subirmos em barras de ginástica, selamos a laringe para obtermos maior força no tórax. Além disso, durante a defecação, às vezes a laringe é fechada para auxiliar a expulsão do conteúdo dos intestinos.

Não possuímos um aparelho específico para produzir a voz. Usamos o ar da respiração como combustível para o som; empregamos a laringe, órgão protetor dos pulmões, como motor vibratório; e, finalmente, articulamos os sons com os lábios, a língua e a mandíbula, que são as estruturas que fazem parte do aparelho digestivo e servem para mastigar e deglutir os alimentos.



Desta forma, a voz, essa expressão tão importante do ser humano, empresta órgãos de outros aparelhos na sua produção. Embora nossa explicação tenha focalizado o que acontece na laringe quando produz o som, o início desse processo está nas zonas motoras do cérebro. É nosso cérebro que vai comandar todo o processo da entrada e saída do ar, do posicionamento e vibração das pregas vocais e da produção encadeada dos sons e da fala. Enfim, para a produção da voz e da fala obedecemos a uma série de atos coordenados pelo cérebro, que ocorrem numa sequência perfeita.

Como a criança pequena afina esse seu instrumento maravilhoso da fala e conquista relações com seu meio a partir da linguagem, é tema do próximo capítulo.





II.

O desenvolvimento  
da linguagem

Em nossa época predomina a comunicação transmitida por aparelhos eletrônicos através das telas e nós temos a tendência de supervalorizar o conteúdo transmitido e de nos desconectarmos das nuances de sentimentos que vivem nos interlocutores. Já na conversa que acontece a partir de um encontro com outra pessoa, com diálogos diretos, há uma expressiva variedade de gestos, mímicas, sutilezas que passa de uma pessoa para a outra. A criança a partir do nascimento tem à sua disposição estas formas de expressão sutis antes de conquistar a fala.

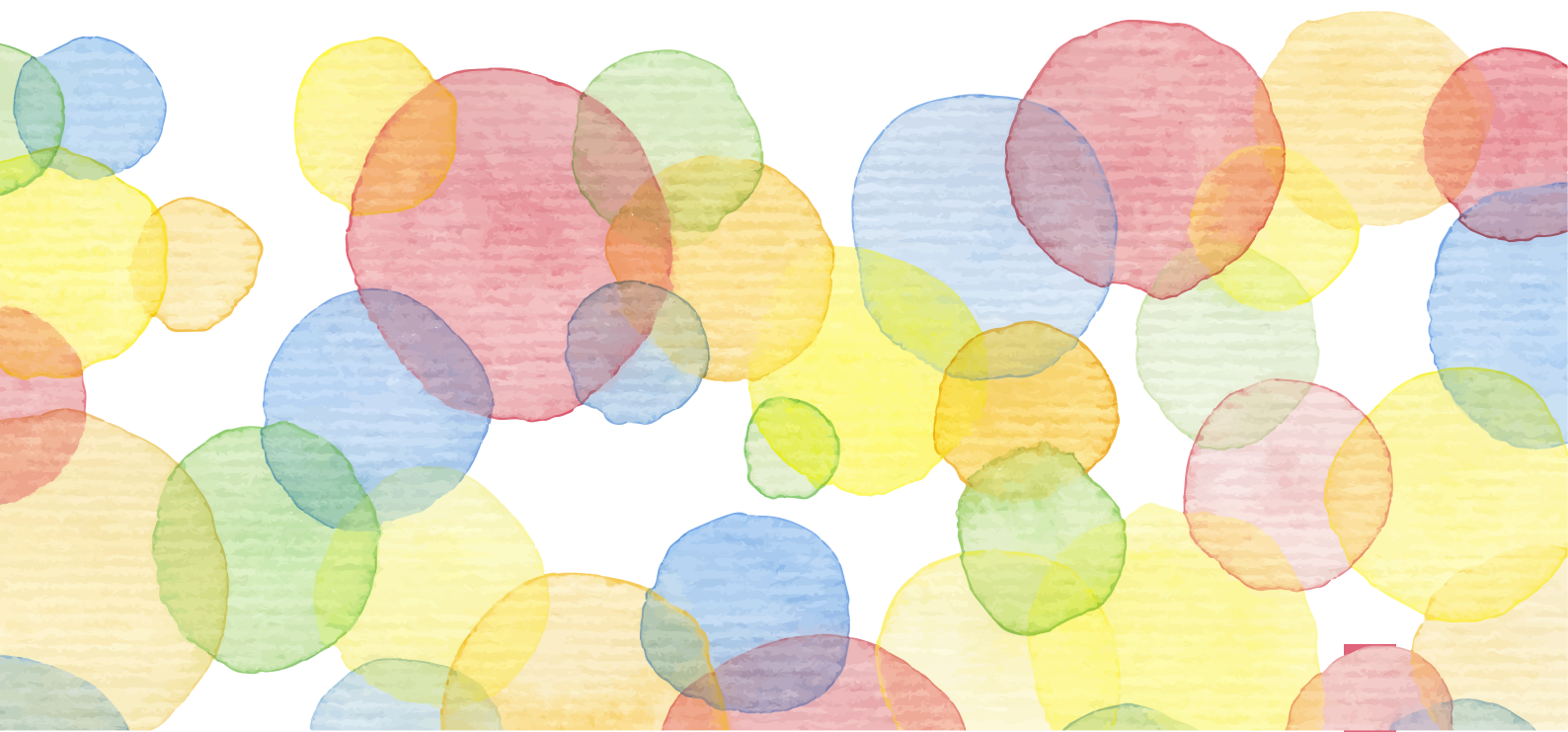
Todos aqueles que estão diante de uma criança são educadores. Este é um princípio que norteia as formações continuadas do Instituto Olinto e que nos convida a agir com atenção dobrada diante do pequeno ser em desenvolvimento que espera de nós exemplos de comportamento e de atitudes. Precisamos cuidar de nossa fala em seus vários aspectos para que um saudável desenvolvimento da linguagem infantil possa ocorrer da melhor forma.

Assim como o domínio da posição ereta e do andar está na base da capacidade de falar, o desenvolvimento do pensar depende de um bom desenvolvimento da linguagem

É relevante considerar que a evolução do processo da linguagem não ocorre da mesma forma para todas as crianças, ela ocorre aos poucos, e cada criança tem o seu ritmo de aprendizagem. Normalmente este processo tem início nas primeiras semanas de vida, quando o bebê direciona olhares atentos à mãe e ao pai. Quanto mais o bebê escutar os

adultos falarem, mais cedo e melhor ele aprenderá a falar.

A partir de dois meses de idade, o bebê já balbucia sons quando sofre algum tipo de estimulação e chora quando quer chamar a atenção. Porém, é quando se iniciam as primeiras palavras, geralmente por volta dos oito meses, que os bebês nos encantam e nos surpreendem com toda a sua formosura. Basta um simples “aua” ou “papá” ou “mamá” para ficarmos boquiabertos de tanta felicidade!





Vários estudos comprovam: os bebês que convivem com pais ou outras pessoas vinculadas afetivamente a eles e que conversam diretamente com eles, desenvolvem mais rapidamente as habilidades de comunicação.

Portanto, papais, mães, educadores e cuidadores podem e devem ajudar no desenvolvimento da fala dos bebês com o simples fato de



descrever, narrar e conversar com eles sobre o que estão fazendo ou que está acontecendo no ambiente em que o bebê se encontra.

Cante, brinque, conte histórias e tenha tempo para se dedicar integralmente à ela, crie um ambiente emocional saudável e deixe-a expressar seus sentimentos e suas vontades acolhendo com carinho e atenção plena o que vem dela. Esta atenção construirá o alicerce sobre o qual a criança vai criar pontes de relacionamentos social e de vínculos afetivos fortalecedores.

## **De 1 aos 2 anos: um grande desenvolvimento**

A fase de maior desenvolvimento e quando a criança mais aprende a falar é o período de um a dois anos de idade, é quando a criança começa a transição dos gestos para as palavras e percebemos um uso mais rico e intencional do vocabulário.

É comum a criança desta idade fazer o uso do movimento corporal para expressar suas necessidades, sejam elas relacionadas à fome, sede, dor ou desconforto. Segundo Vygotsky a criança passa por um processo complexo de internalização, tal ato consiste na reconstrução de uma ação interna (mental) de uma operação externa, ou seja, uma ação observável e realizada na interação com um parceiro humano.

Desta forma, o que era inicialmente caracterizado pelo movimento passa a se traduzir em gestos que vão gradativamente ganhando mais intencionalidade no sentido de comunicar a vontade da criança.

Os educadores e cuidadores passam a interpretar por exemplo, o ato da criança em estender os braços em direção a um brinquedo ou outro objeto qualquer, como um pedido.

Assim como no espaço da família, também no ambiente escolar a criança pequena irá aprimorar seus gestos e poderá explorar a multiplicidade de suas funções e manifestações. Desta forma, os educadores passam a ofertar à criança pequenas frases e expressões como: “você quer o carrinho?” ou, “quer o seu copinho?” O exercício diário do conhecimento de novas palavras em contexto real de comunicação com o adulto e pares de idade similar à sua promoverá a expansão do vocabulário da criança e, conseqüentemente, a aquisição da fala.



## O poder da imitação: a criança pequena se desenvolve a partir da imitação tanto no âmbito motor como também no âmbito da linguagem

Considerando os fatores acima mencionados, entendemos os benefícios que o ambiente escolar proporciona à criança, não somente no que diz respeito à aquisição da linguagem oral, mas também na ampliação de suas habilidades motoras e de convívio social.

## **Ampliação do vocabulário da criança aos dois anos**

Aos 24 meses a criança começa a usar verbos e adjetivos e aos três anos já forma algumas frases mais elaboradas e com a ajuda de um adulto já consegue contar pequenas histórias. Quando tem 3 e 4 anos, normalmente seu vocabulário é de cerca de 300 palavras o que possibilita contar histórias mais elaboradas. Aos 5 anos se expressa através de frases maiores e mais complexas pois já tem um domínio maior das palavras.

Já falamos sobre a importância dos bebês e das crianças pequenas conviverem, de preferência, com pessoas que conversam, brincam, cantam, contam histórias e os estimulem carinhosamente. Vale reforçar que depois da convivência saudável e estimulante dos pais em casa, é nos berçários e nas escolas de educação infantil que encontramos um outro ambiente fundamental para que o desenvolvimento da fala aconteça, pois é lá que encontramos profissionais capacitados e habilitados para estimular as crianças. Além disso, tem início o processo de socialização que também contribui muito para que as crianças comecem a falar com desenvoltura. Quanto mais o bebê escutar os adultos falarem, melhor ele aprenderá a falar.

A evolução do processo da linguagem não ocorre da mesma forma para todas as crianças, ela ocorre aos poucos e cada criança tem o seu ritmo de aprendizagem. Normalmente este processo tem início nas primeiras semanas de vida, quando o bebê direciona olhares e sorrisos à

mãe e ao pai para chamar a atenção.

Pesquisadores da Universidade de Princeton (EUA) estudaram a forma como as mulheres se comunicam com seus filhos entre 7 e 12 meses de vida e descobriram que, independentemente da nacionalidade ou idioma, as mulheres acabam usando o famoso “baby talk” com as crianças pequenas, como um mecanismo universal. Ou seja, essa forma de comunicação seria instintiva para as mães. O baby talk é aquela linguagem mais infantilizada e cheia de gracinhas, com a voz mais fina e um modo carinhoso de falar.

O estudo também concluiu que esse tipo de linguagem é benéfico para o bebê. Apesar de alguns adultos terem vergonha de conversar assim com o filho, os pesquisadores incentivam a prática porque ela transmite afeto e segurança ao bebê, contribuindo com o desenvolvimento neurológico e a ampliação de vocabulário.

O baby talk só traz benefícios para o bebê, mas é preciso fazer algumas ressalvas: a fala infantilizada não pode ter erros. O pai não devem pronunciar palavras erradas porque acham “bonitinho” – esse hábito atrapalha o aprendizado. A principal dica é falar de forma carinhosa, mas sempre pronunciando as palavras corretamente. O segundo ponto importante é saber a hora de parar. Ou seja, os adultos devem falar assim com o bebê por um tempo limitado, apenas durante os primeiros meses de vida. Isso depende muito da intuição e da percepção de cada pai e mãe, mas os especialistas sugerem que essa linguagem se limite aos 10



ou 12 meses de vida. Geralmente, a partir da fase em que o bebê já anda sozinho e consegue se socializar, ele não precisa mais desse estímulo linguístico e este até se torna prejudicial.

Enquanto a criança de um ano entra no mundo dos “caminhantes” e começa a compreender o espaço físico, a criança de dois anos entra no mundo da fala e da linguagem e faz uma incursão inicial na vida social. As crianças primeiro repetem o que ouviram os outros dizerem e depois praticam o uso dessas mesmas palavras em uma situação semelhante. O apoio afetivo das pessoas que falam ao seu redor as ajuda a consolidar seu aprendizado e logo elas estarão se expressando verbalmente de forma adequada em circunstâncias totalmente novas

Crianças de dois anos se deleitam com o som das palavras. Eles vão conversar e falar com suas bonecas ou com outros brinquedos e objetos ao seu alcance.

Junto com a aquisição da linguagem, dois outros desenvolvimentos importantes ocorrem durante o terceiro ano de vida de uma criança. Os pais perceberão o primeiro despertar da vida sentimental, não o vasto oceano de emoções da adolescência ou mesmo as ondas de gostos e desgostos das crianças de 7 a 12 anos, mas o claro surgimento de um “sim” ou “não” muito mais assertivos. Também é verdade que a frustração por não ser capaz de comunicar plenamente seus desejos, ou por não tê-los atendidos, pode causar choros, birras ou até mesmo acessos de raiva. O conflito com os companheiros também pode começar durante esta fase de desenvolvimento.

O segundo desenvolvimento importante, em algum momento durante o terceiro ano, ocorre quando a criança para de se referir a si mesma pelo nome ou na terceira pessoa e diz: "Eu". É mais um passo de afastamento do meio ambiente e de autoconsciência, necessário para o desenvolvimento contínuo e, em particular, para desenvolver a capacidade inicial de pensar que se mostrará cada vez mais a partir dos três anos de idade. A forte vontade da criança combinada com a nova consciência do "sim / não" trará aos pais e educadores desafios diários! Ser consistente com os ritmos, permitir tempo suficiente entre as atividades e fazer as transições o mais agradáveis possível minimizará o potencial de conflitos. Evite atender ao "não" da criança com ameaças ou chantagem. Tente dizer: "Quando você colocar o casaco, podemos ir ao parque", em vez de dizer: "Se você não colocar o casaco, não iremos ao parque hoje"; ou em vez de dizer: "Se você colocar seu casaco agora, podemos parar na loja e comprar alguns biscoitos para levar conosco ao parque". Use sua criatividade e imaginação! Você pode dizer, por exemplo: "Vamos colocar a boneca no seu bolso, porque ela também pode gostar de ir ao parque". Outra possibilidade seria: "Vamos levar o caminhão basculante para a caixa de areia; pode haver alguma escavação que precisa ser feita."

A certa altura, a criança de dois anos dirá "por que" muitas vezes ao dia. É importante considerar que a criança de 2 ou 3 anos muitas vezes não está necessariamente procurando uma resposta, mas sim praticando a criação e aprimoramento da capacidade de fazer perguntas.

**O desenvolvimento da linguagem é um processo maravilhoso de ser testemunhado. A personalidade da criança emerge mais claramente quando ela começa a falar**

# III.

*A voz do educador no  
encontro com a criança*

Luiza Lameirão



## **Voo**

Alheias e nossas as palavras voam.  
Bando de borboletas multicolores, as palavras voam  
Bando azul de andorinhas, bando de gaivotas  
brancas, as palavras voam.  
Viam as palavras como águias imensas.  
Como escuros morcegos como negros abutres, as  
palavras voam.  
Oh! Alto e baixo em círculos e retas acima de nós,  
em  
redor de nós as palavras voam.  
E às vezes pousam.

**Cecilia Meireles**



Toda voz ao nosso redor nos afeta. A voz é um fenômeno do afeto; afetar pode ser aquilo que imprime algo em mim; as crianças podem ser benéficamente afetadas pelo tom da minha voz.

O ser humano aprende a falar e a cantar no segundo ano de vida, porque está mais aberto a escutar do que quando se torna adulto. Basta perceber quando aprendemos outro idioma. Como é difícil aprender outra língua, especialmente o sotaque característico de cada idioma.

É muito interessante que acontecem tantas vivências sonoras concomitantes que não conseguimos prestar atenção a todas elas; por outro lado, nos incomoda uma vivência sonora intensa, por exemplo, o latido de cães, ou a repetição mecânica, como o ruído de uma escavadeira. É incrível como aquilo que causa impacto auditivo nos desperta; passa um automóvel em alta velocidade, buzinando, e nós chegamos a estremecer, ou o avião passa bem em cima da escola em que trabalho. O que será que acontece com as crianças ouvindo o barulho constante?

O silêncio é uma qualidade que precisa de cultivo pra ser conquistada e, sem o silêncio, não conseguimos melhorar a escuta, tampouco a voz no cantar, num outro idioma, ou a voz que transmite afeto às crianças. Vamos atentar ao que ouvimos nos próximos minutos... Será que ouvi canto de passarinhos, as ventanias e as gotas de chuva, será que ouvi as crianças? Será que a minha voz gravada é a minha própria? Eu me estranho quando ouço aquilo que eu falei por algum meio eletrônico.

É muito interessante como os meios eletrônicos e até os dispositivos mais antigos, como os gravadores portáteis, afetam a voz. Qual a voz mais propícia? E a voz da pessoa que está presencialmente diante de mim?

Está comprovado pela neurociência que sem as expressões faciais não se aprende outro idioma, ou seja, os meios audiovisuais aplicados nas escolas de idiomas não são tão eficientes.

A palavra cantada traz tanta beleza! Que possamos conquistar o cantar, para cantarmos diante das crianças; para isso é preciso aprender a escutar. Atentemos ao amanhecer: um passarinho cantou. Na manhã seguinte, será o mesmo passarinho que canta? Cada pássaro tem seu canto peculiar, mas nem todos são facilmente identificáveis como o do bem-te-vi.

Assim como quando estou ocupada com algo em minha sala de aula, de costas para a criança que me chama: consigo identificá-la pela voz? Esta seria uma tarefa super importante ao educador. A identificação da voz passa pela constatação do timbre, do volume, da entonação. Há crianças que falam mais baixinho; outras falam cantarolando, e outras ainda falam como andam, por exemplo, marchando ou dançando.

Na roda do mundo,  
ao lado dos homens,  
lá vai o menino  
rodando e cantando  
seu canto de amor.

Um canto que faça  
o mundo mais manso,  
cantigas que tornem  
a vida mais limpa,  
um canto que faça  
os homens mais crianças.

**Thiago de Mello**

## **A força sanadora da linguagem poética**

A fala humaniza, portanto, deve ser clara, verídica e permeada de imagens e poesia. A fala é uma das conquistas da primeiríssima infância. O poeta Novalis diz que tornar-se humano é uma arte. Há três aspectos que nos humanizam, que nos distinguem completamente de todos os seres vivos na Terra. São o andar ereto, a fala e a capacidade de se autoperceber como indivíduo que consegue dizer “Eu” para si mesmo. Estas conquistas que nos humanizam são realizadas logo no início da vida, mas não estão prontas. Em relação à voz que sustenta a fala, podemos ter muitos impedimentos para que nossa voz não se torne curativa, aquela que realmente sana, que deixa a alma completamente curada.

É a respiração que sustenta a voz. De que maneira respiro? Como a respiração ganha fluxo para sustentar a linguagem, com o objetivo de falar um poema para as crianças que se torne um remédio. Clarissa Pinkola Estés diz que “os contos são remédios feitos de palavras ditas sobre a água”.

Em relação aos poemas e aos contos, podemos dizer que eles trazem uma qualidade mais refinada em relação à fala coloquial, pois a linguagem é expressa de forma rítmica, rimada.

Trago um exemplo de um poema que trabalhei com as crianças na educação infantil, e prestem atenção o que soa para você de importante ao ouvi-lo.



Lá vai galopando  
meu bom cavalinho,  
florestas cruzando,  
campinas, caminhos.  
Cavalo tão belo  
me leva ao castelo.

Mas, dentro da noite,  
vai bem de mansinho,  
vai bem silencioso  
meu bom cavalinho,  
com cascos de prata  
brilhando na mata.

**Hedwig Diestel**



Então o que acontece? Estou falando de um caminho percorrido a cavalo. Meu animal de estimação na infância era uma égua, então, para mim esse poema faz todo sentido. Quem nunca montou num cavalo talvez não consiga perceber a diferença entre galope, trote, marcha ou o passo bem suave na noite, como traz o poema. É sempre decisivo buscar quais são os âmbitos da natureza com os quais tivemos relação na infância, ou com quais temos agora.

Muitos poetas contam coisas com as quais não me relacionei na vida; mas essas coisas ficam, então, acrescentadas em mim por meio daquilo que os poetas dizem. Entretanto, o ponto de partida é buscar aquilo com o que temos uma relação pessoal. Outro exemplo bem universal é o amanhecer ou o entardecer.

## **A tempestade**

...

Vem a aurora  
Pressurosa,  
Cor de rosa,  
Que se cora  
De carmim;  
A seus raios  
As estrelas,  
Que eram belas,  
Tem desmaios,  
Já por fim.

**Gonçalves Dias**

Não é lindo o poder de descrever o amanhecer e dar tchau às estrelas? É singelo no sentido de que não é algo elaborado intelectualmente, mas as palavras são usadas de maneira ímpar.

Este mesmo autor, numa outra estrofe, fala de maneira diferente sobre o nascer do sol:

O sol desponta  
lá no horizonte,  
dourando a fonte,  
e o prado e o monte.

A maneira de falar do mesmo fenômeno, até para a mesma pessoa, não é idêntica. Oferecer por meio da fala o dom sanativo, o dom de cura, requer de quem fala viver intimamente o que está sendo dito, porque nem sempre vivenciamos da mesma maneira o nascer e o por do sol. Cada um fala a sua vivência, portanto, fala de vivências variadas, dependendo da ocasião.

Que animal escolho para trabalhar com as crianças? Por que existem inúmeras trovinhas falando de insetos, libélulas, abelhas, borboletas, vagalumes? Porque são animaizinhos tão singelos, tão delicados, que encantam as crianças em qualquer lugar que elas estejam. Como a trovinha a seguir, de domínio popular:

**Vagalume tem tem/ Sua mãe tá aqui/ Teu pai também...**

A poesia está permeada de imagens, traz as asas da imaginação, e essa característica também está nos contos. Podemos criar contos com as próprias vivências de infância, com o matiz da palavra que colore a narrativa.

Descrever não é narrar. O que diferencia a descrição de uma narração, do ponto de vista do conteúdo, é que na narração existe uma ação conjunta envolvendo os personagens, algo se passa, é uma trama que acontece ao longo da história até que chegue ao desenlace. O narrador utiliza o fluxo da respiração em sua linguagem, passa com a respiração pela pausa de dentro e pela pausa de fora, por isso existem sinais na escrita indicando essas pausas – ponto, vírgula, exclamação, interrogação e outros sinais. Posso realizar isso com a minha respiração ao narrar; não uso recurso visual, apenas o meu silenciar. O meu silenciar, depois de uma interrogação, é diferente do que em outras circunstâncias.

A nossa fala tem poder de curar. Há vários momentos que favorecem essa ação. Em todos eles, atentamos a essa vivência que vem do coração e pode chegar ao outro como verdadeiro remédio para quem está recebendo. Pode ser desde a canção de ninar, a poesia, a história narrada, uma conversa revigorante e a pausa natural que é o sono. É bem interessante que nós, educadores, podemos usar a voz de maneira inadequada e criar calos nas cordas vocais, rouquidão; isso demonstra que o fluxo da fala não está fazendo o caminho sanador da respiração.

Essa falta de fluxo se apresenta também no momento do desenvolvimento das crianças, ao qual os fonoaudiólogos chamam de gagueira fisiológica. A gagueira pode ser transformada pelo uso constante da poesia e do canto, pois a fluência da fala é favorecida ao

cantar e ao recitar. Uma criança começa a gaguejar e leva uma repreensão; da próxima vez ela gaguejará mais ainda – cada vez que ela fica tensa, mais ela gagueja. Exercícios de respiração não são recomendáveis para as crianças, pois levam ao processo de consciência. Tudo o que adulto pode fazer para transformar esse processo é comunicar-se com calma, acolher o que a criança quer dizer carinhosamente. Brincadeiras que não levem à conscientização do ato de gaguejar podem ser incentivadas. Por exemplo, soltar bolinha de sabão; é uma atividade em que toda a criança se alegra e, ao soprar, a criança expira completamente. O ser humano fala ao expirar. A maioria das doenças respiratórias se origina no ar que é retido nos pulmões e não porque “está faltando o ar”.

Há outras maneiras que podemos utilizar para facilitar o processo respiratório. A maneira rítmica pela qual organizamos o dia, em especial, o dormir e acordar, pois o sono é a pausa natural. Canções, pequenos poemas ou histórias favorecem a entrada no sono. Essa é uma vantagem quando se trabalha com a criança o dia inteiro. As forças de crescimento, ou seja, o hormônio do crescimento atua durante o sono. O sono é a pausa das conquistas que nos humanizam; andar dormindo, falar dormindo são distúrbios do sono. E se não conseguimos nos afastar das preocupações, também não conseguimos adormecer.

O silêncio do ponto de vista da vida social é uma pausa imprescindível. Se numa conversa um interrompe o outro, não aconteceu a pausa. Se interrompermos a criança que está tentando falar conosco, não daremos a oportunidade de ela chegar até o fim. Isso não caracteriza uma verdadeira conversa entre seres humanos. O ritmo entre ouvir e falar e falar e ouvir exige pausa. Uma autêntica conversa nos revigora e areja.

Quantos âmbitos saudáveis podemos gerar com a nossa voz! O canto, a poesia, a história, a conversa e a possibilidade de favorecer um sono tranquilo com esses recursos anteriores. Pode ser que eu não me sinta capacitada para isso, darei um exemplo: desconheço qualquer canção de ninar! Porém, entoar uma “lá lá lá” já é uma melodia suficiente para embalar uma criança.

Além dos favorecimentos, há também impedimentos gerados pela atitude do educador que desfavorecem as crianças. Um deles é a maneira apressada de dizer, pois não há tempos de pausa. Quem de nós, por pressa, nunca deixou de responder a uma criança? Outro impedimento é falar de um jeito muito impositivo, que não possibilita a flexibilidade e sim a rigidez. A falsidade é um grande impedimento: falar só por falar, tagarelar, fofocar, sem que o que é dito seja verdadeiro; quando falo assim com uma criança, estou incitando à inverdade. Também são impedimentos à edificação do processo de fala as condições fisiológicas da criança, quando se caracterizam por uma dificuldade orgânica no sistema respiratório.

Cultivar as situações que favorecem a atuação sanadora da voz e cuidar das que se tornam impedimentos é imperativo à atuação do professor.

A voz afeta! Que ela afete todas as crianças pelo afeto de vocês.





# IV.

*A voz que transforma  
o ambiente educativo*

## Depoimento de um professor:

*Como encontrei minha “voz de professor” e transformei minha sala de aula*

### Para refletir: Como uso a fala no ambiente da criança?

No início da vida humana que a voz tem o poder de acalmar a criança e o ambiente, acalantar e até guiar ao sono a criança pequena. A voz é tão potente em sua influência na atmosfera anímica do grupo até mesmo entre jovens e adultos ela têm impacto significativo:

O depoimento a seguir é de um educador de jovens e foi publicado originalmente na coluna do “Education World Voice of Experience”, um fórum de educadores norte- americanos, um testemunho que ilustra a capacidade da voz do educador de influenciar o clima de aprendizagem e de gerar confiança e calor, estreitando os laços entre as pessoas envolvidas. O educador Arnold Pulda reflete sobre como o impacto de um câncer precipitou sua transição de um “sargento instrutor” que gritava ordens para seus alunos em um Professor Pulda calmo e gentil:

*“Durante meus primeiros anos de ensino, eu gritava com os alunos com bastante regularidade. Ninguém me aconselhou a fazer isso, mas me parecia uma ferramenta eficaz para o controle da sala de aula. Tomei como modelo os sargentos treinadores da Marinha retratados em filmes. Às vezes*

*me aproximava, gerado desconforto, e ficava cara a cara com meus alunos como se fossem meus 'recrutas'. Naquela época, eu confundia intimidação com liderança, silêncio com consentimento (e até mesmo com respeito) e aquiescência com aprendizado. Para mim, a voz de um professor era sempre uma voz com alto volume. Posso reconhecer claramente o evento que precipitou uma mudança em meu comportamento e na minha abordagem em sala de aula.*

*Na primavera de 1999 adoeci gravemente. Meu tratamento incluiu quimioterapia e radiação em meu pescoço e garganta. Gritar estava fora de questão; eu mal conseguia falar! Fiquei fora da escola por vários meses, enquanto outro professor assumia minhas aulas. Perto do final do ano letivo, em um dia em que me sentia relativamente bem, parei na escola para conversar com a diretora. Ela me incentivou a subir e conversar com meus ex-alunos. Hesitante, eu acabei concordando.*

*Os alunos me cumprimentaram calorosamente quando entrei na sala. Sentei-me entre eles e deixei que me fizessem perguntas. Eu respondi com guinchos, grasnados e sussurros roucos. Tive que fazer muitas pausas, por longos segundos, enquanto bebia água para lubrificar minha garganta. Mas nunca tinha ouvido uma sala de aula tão silenciosa. Jamais! Nenhum aluno me interrompeu; nenhum único cochicho ou tagarelice ocorriam em qualquer lugar da sala. Os alunos queriam ouvir o que eu tinha a dizer. Aprendi que não precisava gritar para ser ouvido.*

*Hoje sei que a gestão eficaz da sala de aula não exige silêncio. Compreendo que um burburinho de fundo saudável entre os alunos e o professor pode ser indicativo de uma sala de aula vital, borbulhando com ideias vivas, envolvimento sério dos alunos e uma quantidade razoável de bom humor.*

*Sim, pode haver uma linha tênue entre o ruído produtivo e a tagarelice fora da tarefa que todo professor ouve. Mas, em anos anteriores, eu tentava eliminar o ruído improdutivo adicionando meu próprio ruído. Eu gritava por cima do barulho para ser ouvido. Essa estratégia geralmente dava certo a curto prazo, mas muitas vezes observei alunos se olhando, revirando os olhos de uma forma que dizia: “Ele está gritando de novo; falo com você mais tarde.” Gerenciamento e controle obtidos adicionando meu ruído ao dos alunos, de fato nada criava de positivo.*

*Hoje minha sala de aula funciona com mais tranquilidade. Eu administro minha classe com uma combinação de expectativas claras e comando silencioso. Desenvolvi e distribuí uma pequena lista de comportamentos que espero dos alunos. Entre esses comportamentos estão as restrições contra atrasos ou interrupções, e também a exigência de que todos os alunos se ocupem com o trabalho assim que entrarem na minha sala de aula.*

*Houve outra grande mudança: Eu encontrei minha “voz de professor”. Já não grito há dois anos. Eu não tenho que gritar mais. Quando o comportamento ou a conversa do aluno se torna perturbador, geralmente*

*fico em silêncio; um olhar significativo na direção dos alunos basta para reorientar sua atenção. Frequentemente, um colega de classe pede que eles se calem.”*



*“Hoje falo devagar e baixinho - e meus alunos me ouvem melhor do que nunca”*

(Arnold Pulda é professor e representante dos programas de alunos superdotados em Worcester, Massachusetts e tem doutorado em história dos EUA pela Universidade da Carolina do Norte. Artigo originalmente publicado na revista digital Education World)

V.

*A voz que cura*

Pesquisadores já sabem que a vivência de situações de negligência, de trauma e de estresse na primeira infância pode causar inúmeros problemas, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento do cérebro infantil. Vários estudos evidenciam isso e indicam que pode haver consequências graves para o resto da vida.

O estresse tóxico, por exemplo, que ocorre quando a criança passa por situações de adversidade com frequência e por um longo período, sem receber apoio e acolhimento dos pais, pode causar a interrupção do desenvolvimento saudável do cérebro e levar a transtornos como a ansiedade e a depressão, além de mudanças de comportamento e diminuição da imunidade. Ou seja, crianças que são negligenciadas pelos adultos, sem afeto e carinho, podem ter seu desenvolvimento prejudicado.

Um exemplo visual da diferença do desenvolvimento do cérebro infantil de quem vive em um ambiente afetuosos e acolhedor e de quem vive situações de trauma e abuso emocional pôde ser visto em artigo do psiquiatra americano Bruce Perry. Ele é pesquisador da Academia de Traumatologia Pediátrica em Houston e professor adjunto de psiquiatria e ciências do comportamento na Feinberg School of Medicine em Chicago, ambas nos Estados Unidos.

No trabalho, que foi publicado em 2017 e tratou de como a negligência afeta o desenvolvimento do cérebro infantil, o psiquiatra mostra imagens dos cérebros de duas crianças de três anos, lado a lado. Um deles é visivelmente maior que o outro. Veja a foto a seguir:



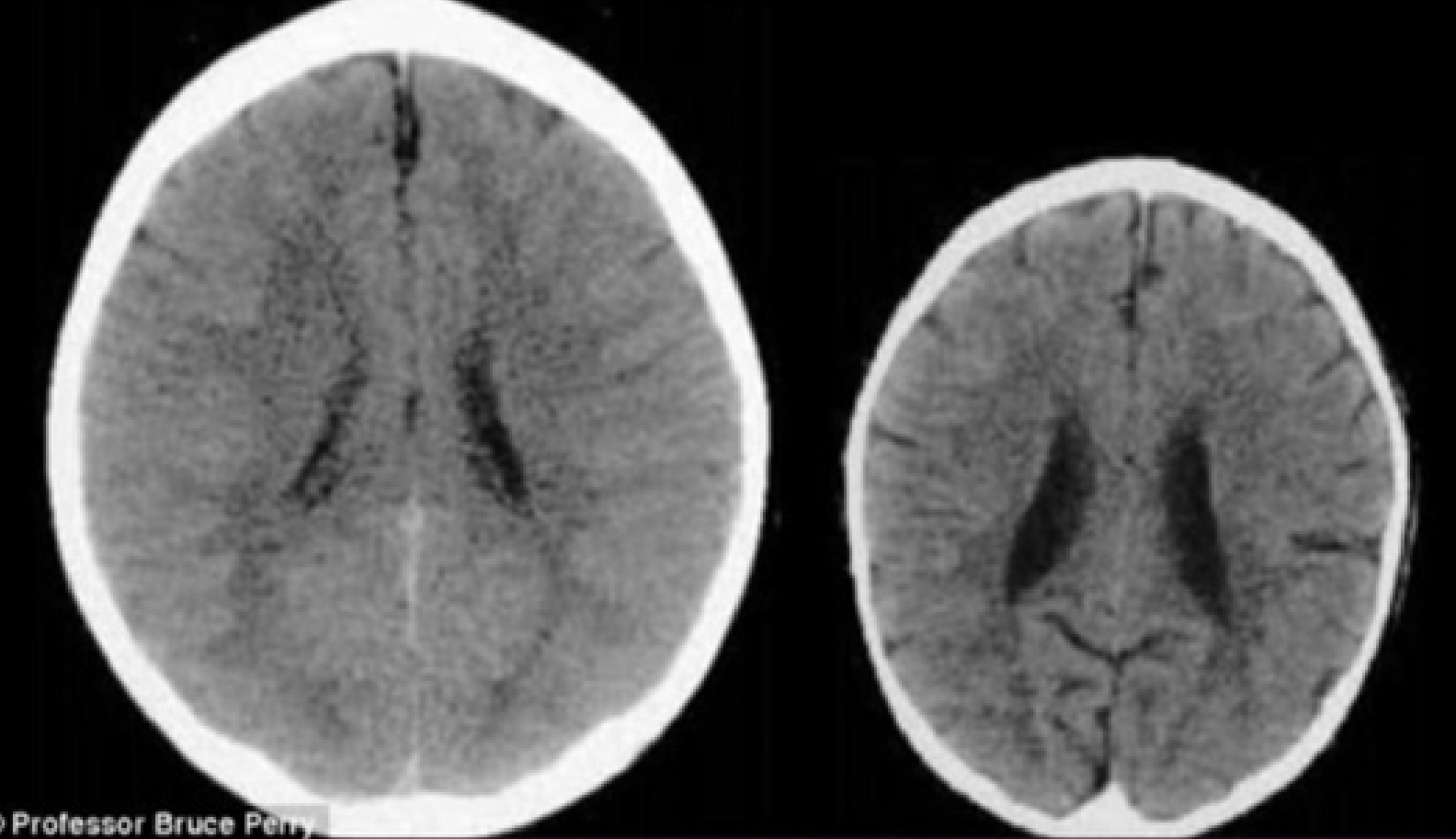


Foto: Reprodução/Professor Bruce Perry

A imagem mostra diferença que negligência e afeto fazem no desenvolvimento do cérebro infantil. O cérebro da esquerda, maior, é de uma criança de três anos saudável, que viveu em um ambiente de acolhimento e carinho e tem a cabeça com um tamanho na média, e o da direita, menor, é de uma criança de três anos que sofreu com trauma emocional e negligência. Segundo Perry, "essas imagens ilustram o

impacto negativo da negligência no desenvolvimento do cérebro”. São cérebros de crianças da mesma idade, mas uma delas teve uma vida familiar feliz e a outra teve uma vida de abusos emocionais.

Perry explica que o cérebro da direita é significativamente menor que a média e tem atrofia cortical, ou seja, atrofia do córtex. Isso pode levar a atrasos de desenvolvimento e problemas de memória para a criança. A atrofia cortical é comumente encontrada em pessoas idosas que têm a doença de Alzheimer. O psiquiatra também afirma que a criança com cérebro menor sofre de privação sensorial severa, não tendo tido o contato usual com toques, sons e cheiros.

Segundo o estudo, a negligência emocional na infância também pode acarretar dificuldade de formar relacionamentos saudáveis. Pode haver problemas de apego e dependência excessivos ou então, ao contrário, essas pessoas podem se isolar socialmente mais tarde na vida.

Perry conclui que “o desenvolvimento saudável dos sistemas neurais que permitem o funcionamento social e emocional ideal depende de cuidados atenciosos e acolhedores na infância e oportunidades para formar e manter uma diversidade de relacionamentos com outras crianças e adultos ao longo da infância”.

Várias outras pesquisas relacionam o estresse excessivo na infância com problemas emocionais e de memória. Outros estudos também associam altos níveis de estresse nas crianças a pressão alta, doenças do

coração e obesidade mais tarde na vida. Por isso, é claro, o mais importante é sempre estar presente e atento aos pequenos, dando-lhes afeto, carinho e proteção para que eles tenham um desenvolvimento pleno e saudável.



## **Referências Bibliográficas:**

Higiene Vocal, Mara Behlau e Paulo Pontes

<https://www.google.com/amp/s/theweek.com/articles-amp/654904/how-mothers-voice-changes-babys-brain>

<http://etudiants.nice.fr/la-voix-humaine-un-modele-de,3497.html>

<https://www.google.com/amp/s/cangurunews.com.br/primeiros-mil-dias-criancaimportancia/%3Famp>

Sprechen, Zuhören Verstehen, Heinz Zimmermann

Les Sens de la Rencontre, Philippe Perennès

## Notas:

1. MEIRELES, C, Melhores Poemas (Global Editora, 1984)
2. DE MELLO, T. Poemas, Cantiga de quase roda, Faz escuro mas eu canto (Ed. Bertrand Brasil).
3. ESTÉS, C.P. A ciranda das mulheres sábias (RJ, ed. Rocco, 2007, p.67)
4. DIESTEL, H. traduzido e recriado por SALLES; R. Disponível em <https://www.institutoruthsalles.com.br/o-cavalinho/#more-7430>. Acesso em 13.07.2020.
5. DIAS, G. A tempestade - Últimos cantos. Série 'Poesias diversas'. 1851.
6. DIAS, G. A tempestade (cont. trecho) - Últimos cantos. Série 'Poesias diversas'. 1851.







INSTITUTO  
**OMP**

Olinto Marques de Paulo